



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação
Comunicação Oral

LETRAMENTO INFORMACIONAL, CRESCIMENTO E DEMOCRACIA: UM ESTUDO DO RELATÓRIO DO *PRESIDENTIAL COMMITTEE ON INFORMATION LITERACY* (1989)¹

José Claudio Morelli Matos, UDESC
doutortodd@gmail.com

Resumo: Discute sobre o letramento informacional tendo como referência o documento intitulado *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report* (ALA, 1989). Utiliza como interlocutores os seguintes pensadores norte-americanos: John Dewey, em sua obra *Democracia e Educação* (1916), da qual se apropria de suas teorias do crescimento e da democracia, e William Kilpatrick, em sua obra *Educação para uma sociedade em transformação* (1926), da qual se apropria de sua teoria da cientificidade como fator social de mudança. Assim, a concepção de letramento informacional expressa no relatório da ALA pode ser discutida em seus fundamentos epistemológicos, especialmente a partir da noção a ela relacionada de 'aprender a aprender' e de 'aprendizado ao longo da vida'. Além disso, a ideia de democracia como vida social compartilhada, e as exigências informacionais para a cidadania ativa são investigadas em sua relação com o letramento informacional. Conclui-se pela necessidade de uma atenção aos pressupostos teóricos que sustentam o relatório, e pela exigência da priorização das pessoas, em toda iniciativa que envolva o letramento informacional.

Palavras-chave: Letramento informacional, Dewey, Kilpatrick, crescimento, democracia, cientificidade.

Abstract: It discusses on the informational literacy with reference to the document entitled *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report* (ALA, 1989). Uses as interlocutors the following American thinkers: John Dewey, on his book entitled *Democracy and Education* (1916), in which appropriates his theories of growth and democracy, and William Kilpatrick, in his book entitled *Education for a Changing Civilization* (1926), in which appropriates his theory of science as a factor of social change. Thus, the conception of informational literacy expressed in the ALA's report can be discussed in its epistemological foundations, especially from the notions, related to it of 'learn how to learn' and 'lifelong learning'. In addition, the idea of democracy as shared social life, and the informational requirements for active citizenship are investigated in his relations with informational literacy. It is concluded for the need for attention to theoretical basis that sustains the *Report*, and for the requirement to give priority to people, in all attempts that involves information literacy.

Keywords: Information literacy, Dewey, Kilpatrick, growth, democracy, scientificity.

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procura discutir os fundamentos epistemológicos do letramento informacional (também conhecido no Brasil como ‘competência em informação’). Seu objetivo é desvendar as relações entre o letramento informacional e a formação da atitude reflexiva e científica, partindo do pressuposto de que é esta atitude - generalizada como forma de conduzir o pensamento – que provocou as aceleradas mudanças sociais e culturais que observamos no último século. Uma atitude assim descrita, portanto, é vista como essencial para a manutenção e o crescimento das sociedades democráticas na atualidade.

A fonte principal do estudo é o documento intitulado *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report* (ALA, 1989). Uma tradução possível para este título seria *Comitê Presidencial sobre Letramento Informacional: Relatório Final*, que se pede licença para denominar de forma abreviada como *Relatório*. Este documento foi escrito a fim de oferecer um parecer oficial da ALA acerca dos conceitos fundamentais, da importância e implicações para a sociedade, bem como das possibilidades representadas pelo letramento informacional. Seus autores, portanto, redigiram o *Relatório* num estilo direto e objetivo, sem profunda discussão ou referências detalhadas em torno de seus aspectos teóricos. Um estilo que se julga apropriado a um documento de tal natureza. E é justamente tal discussão teórica e tal busca de referências que se espera empreender aqui, tomando como base o *Relatório*, examinando-o sob o pano de fundo de ideias da tradição, e em diálogo com autores que se julga pertinentes para tal discussão.

A fim de garantir uma base teórica a partir da qual guiar a interpretação de tal documento e as reflexões daí resultantes, este estudo toma como interlocutor o pensamento de John Dewey, educador e filósofo norte-americano, conhecido por sua inestimável contribuição no tema da formação individual e social nos termos da sociedade democrática. Especialmente, aqui, está sendo tomada como fonte de estudo a obra *Democracia e Educação* (inicialmente publicada em 1916), na qual é possível detectar um tratamento rigoroso e original de diversos conceitos que são empregados pelos autores do *Relatório*. Tais conceitos se referem, especialmente, a duas ideias: a aprendizagem ao longo da vida e a participação do indivíduo numa sociedade democrática.

Deve ficar claro que a escolha deste referencial não é de forma alguma uma decisão arbitrária. As justificativas para o recurso ao pensamento de John Dewey envolvem, primeiro, a enorme e amplamente reconhecida influência deste autor no pensamento e nas propostas educacionais do século XX, especialmente nos Estados Unidos da América. Conforme será

tratado adiante, o próprio *Relatório* enfatiza a ligação entre as ciências da informação e a área da educação como uma ligação inevitável para os objetivos do documento, a saber, a promoção do letramento informacional dirigida a toda a população. Mas é no campo teórico que se encontra as mais sólidas justificativas para se voltar à obra de John Dewey. É neste autor que se observa a formulação original de conceitos como ‘aprender a aprender’ e especialmente ‘aprendizado ao longo da vida’, a que o *Relatório* faz diversas referências. Portanto, considera-se *Democracia e Educação* como um ancestral – ainda que não expressamente admitido – do espírito teórico que anima o *Relatório* e fornece a ele seus fundamentos.

Outro autor que merece atenção neste empreendimento é William Kilpatrick, que, em sua obra *Educação para uma sociedade em transformação* (publicada originalmente em 1926), lança as bases de uma teoria que procura explicar o ritmo cada vez mais acelerado das mudanças sociais, como efeito da atitude científica que se propaga e se estabelece desde o início da modernidade, atingindo seu auge ao longo do século XX. Kilpatrick argumenta, de forma muito adequada, que é preciso capacitar as pessoas a lidar de forma mais hábil com as informações e conhecimentos presentes em um ambiente onde a mudança é contínua, e até propositalmente desejada. Pode-se ver na discussão deste autor uma consciência daquilo que o *Relatório* diagnostica como sendo a ‘Sociedade da Informação’, e da necessidade constante de se adaptar a tal sociedade por meio do letramento informacional.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta é uma pesquisa cujas fontes são predominantemente bibliográficas. Não há trabalho de campo e nem envolvimento de seres humanos previsto em sua realização. É um estudo exploratório, que pretende se lançar a um campo de conhecimento – o letramento informacional - a fim de responder aos problemas inicialmente formulados pela pesquisa. Esta proposta segue a linha da reflexão filosófica, ao buscar subsídios na obra dos autores pesquisados, a fim de desenvolver possibilidades de argumentação e de discurso. O rigor e a objetividade almejados, portanto, não resultam exatamente do modelo lógico de relatório científico, em que os dados coletados são premissas de qualquer afirmação. Por se tratar aqui de uma discussão epistemológica, o rigor e a objetividade resultam de um exercício de “explicitação e discurso” - como diria Bertrand Russel - pelo qual os problemas são formulados e considerados à luz de argumentos e de vestígios que indicam ou sugerem as vias de sua resolução.

O método segundo o qual se espera atingir os objetivos estabelecidos é o da interpretação e reflexão crítica do discurso constituído nas fontes bibliográficas. Em primeiro lugar, do discurso manifesto no próprio *Relatório*, e dos autores escolhidos como marco principal e, em segundo lugar, dos comentadores e especialistas que têm tentado interpretar suas obras. Este método de análise dos textos configura uma genuína discussão com os textos, que questiona suas ideias, examina os contextos – histórico e conceitual – em que são propostas, e procura arregimentar fundamentos para a defesa de um ponto de vista, a partir do qual o discurso presente nos textos se reveste de significado no horizonte em que é feita a sua leitura.

Por causa deste quadro, o presente estudo se apresenta como uma tentativa de realizar o que se chama em filosofia de ‘estudo dos fundamentos’. Desenvolve uma reflexão acerca de conceitos fundamentais para a constituição do campo do letramento informacional, que os autores do *Relatório* empregam a fim de dar sustentação ao seu argumento. Entre estes, destaca-se especialmente os conceitos de ‘aprendizado ao longo da vida’, ‘aprender a aprender’, e do letramento informacional como um comportamento que se identifica com a atitude investigativa da ciência. Assim, sua relevância teórica parece estar evidenciada a partir do reconhecimento de que tais conceitos recebem notória consideração na filosofia que John Dewey elabora, em especial no seu livro *Democracia e Educação*. Recebem também tratamento por parte de Kilpatrick em *Educação para uma sociedade em transformação*.

2.1 ESTRUTURA E CONCEITOS DO RELATÓRIO

O comitê que produziu o Relatório foi formado por indicação da presidente da *American Library Association - ALA* em 1987, a fim de atender a três propósitos expressos:

- a) definir o letramento informacional, na medida de sua importância para o “desempenho dos estudantes, a aprendizagem ao longo da vida e a cidadania ativa” (ALA, 1989, p. 13);
- b) estabelecer modelos de letramento informacional apropriados para os ambientes de aprendizagem ao longo da vida das pessoas;
- c) estabelecer as implicações disso na educação continuada e na formação de professores.

Este comitê foi formado de treze profissionais ligados à biblioteconomia e ciências da informação e, ainda, à pesquisa e coordenação de instituições educacionais e de formação de professores. A análise de tal documento revela alguns elementos importantes para um estudo

dos fundamentos e pressupostos que estão sendo considerados tanto na pesquisa quanto nas iniciativas recentes de desenvolvimento e promoção do letramento informacional na educação, nas profissões e na sociedade em geral.

O *Relatório* se compõe das seguintes subdivisões:

- a) uma parte introdutória;
- b) uma discussão da importância individual e social do letramento informacional;
- c) identificação de oportunidades do desenvolvimento do letramento informacional;
- d) uma reflexão sobre o papel da educação na promoção do letramento informacional;
- e) conclusão, parte na qual são apresentadas ainda as recomendações do Comitê.

Seria preciso, em primeiro lugar, salientar que o conceito de letramento informacional não seria motivo de ênfase e de preocupação dos estudiosos, a não ser porque as condições ambientais têm imposto aos indivíduos uma cada vez mais urgente necessidade de filtrar, selecionar, interpretar e empregar a informação de forma desvelada e eficaz na solução de seus problemas e atendimento a seus interesses.

O *Relatório* faz uma afirmação bastante contundente ao declarar que

a informação está se expandindo em um ritmo sem precedentes, e avanços enormemente rápidos estão sendo feitos na tecnologia de estoque, organização e acesso da crescente onda de informação (ALA, 1989, p. 1).

Nesta linha de pensamento, os autores do *Relatório* denominam a época atual de “Era da Informação” e acrescentam que o “letramento informacional é uma habilidade de sobrevivência na Era da Informação” (ALA, 1989, p. 1). Esta linguagem adaptacionista, em que o relatório se expressa não é apenas metafórica. Há um ponto de vista bastante claro no documento, de que é preciso promover o letramento informacional para todos os membros da sociedade, sem exclusão nem privilégios. Esta disseminação do letramento informacional seria capaz de ampliar a mútua adaptação entre os indivíduos e o seu meio ambiente social. Caso isto não ocorra, as pessoas tendem a se tornar dependentes de outras, e perdem a autonomia necessária para lidar com suas necessidades.

Em uma tentativa de reduzir a informação a segmentos facilmente manejáveis, muitas pessoas têm se tornado dependentes de outras para sua informação. A preembalagem da informação nas escolas e através das notícias transmitidas e impressas, de fato, encoraja as pessoas a

aceitarem as opiniões de outros sem muito pensamento (ALA, 1989, p. 2).

Percebe-se aqui nesta passagem, portanto, uma adesão a certos valores políticos e morais por parte do *Relatório*.

Um destes valores é atribuído à mudança e constante evolução da sociedade, levada a efeito pelo fenômeno da informação, e outro valor a ele relacionado envolve a necessidade de assegurar a autonomia e a participação das pessoas neste processo de contínua mudança.

O letramento informacional é uma habilidade de sobrevivência na era da informação. Ao invés de afundar na abundância de informação que alaga suas vidas, pessoas letradas em informação sabem como encontrar, avaliar e usar a informação efetivamente para resolver um problema específico ou tomar uma decisão (ALA, 1989, p. 5).

Esta capacidade de ‘encontrar, avaliar e usar a informação’, seja em que suporte ela esteja, é o fator principal para a adaptação individual ao ambiente mutável e dinâmico que a Era da Informação apresenta.

A ideia de adaptação não significa, como se pode perceber, uma acomodação passiva a condições externas. Ao contrário, a adaptação no sentido aqui discutido só pode resultar do emprego de uma atitude autônoma, ativa e consciente de cada indivíduo em sua relação com a informação. Uma descrição da adaptação neste sentido é encontrada nos capítulos de abertura de *Democracia e Educação*, nos quais Dewey afirma: “Adaptação, no sentido rigoroso, é tanto a adaptação do ambiente às nossas próprias atividades, como das nossas atividades ao ambiente” (DEWEY, 2008, p. 52). É à luz desta concepção que a ideia de adaptação deve ser interpretada quando é empregada pelos autores do *Relatório*. Adaptação como atuação reflexiva e consciente dos indivíduos, que, em interação com o ambiente, contribuem para a mudança social e cultural. Isto dá sentido a passagens do *Relatório* como a seguinte:

O letramento informacional, portanto, é uma forma de empoderamento pessoal. Ele permite às pessoas verificar e refutar a opinião de especialistas e tornarem-se perseguidores independentes da verdade. Ele provê a elas a habilidade de construir seus próprios argumentos e experimentar a excitação da busca do conhecimento (ALA, p. 2).

O documento, por meio desta passagem, expressa a consciência de que o letramento informacional é muito mais do que o desenvolvimento de competências para tarefas inerentes a certas ocupações acadêmicas ou profissionais. Antes, ele é o caminho para o crescimento em um sentido muito específico: o crescimento necessário para que as pessoas sejam capazes

de se adaptar ao ambiente informacional caracterizado pela rápida e constante mudança. Por meio de um poder ativo do indivíduo em relação à informação, e ao conhecimento que circula no ambiente social, é que o indivíduo pode assumir de forma autônoma a busca pela regulação de seus interesses e capacidades, de forma a promover a sua adaptação.

Maria Nazaré Amaral já havia antecipado esta apreciação do adaptacionismo deweyano, na tradição de leitura brasileira do autor, ao mencionar que: “Como sabemos, para Dewey, sobrevivência humana significa sobrevivência social, e esta significa ação fruto do pensamento inteligente” (AMARAL, 2007, p. 68). Vemos, por exemplo, John Dewey se expressar em semelhantes termos quando se refere a que a educação é, ela mesma, uma estrutura adaptativa para os membros de sociedades complexas. Ele afirma, ainda, que os hábitos formados no indivíduo pela educação – com ênfase no pensamento reflexivo – são habilidades com valor de sobrevivência.

2.2 AS HOMOLOGIAS DO ‘APRENDER A APRENDER’ E DO APRENDIZADO AO LONGO DA VIDA

Conforme já mencionado, um dos conceitos em que o *Relatório* se apóia para defender a importância do letramento informacional é formulado nos termos das expressões ‘aprender a aprender’ e ‘aprendizado ao longo da vida’. Tomando especificamente o capítulo 4 de *Democracia e Educação*, intitulado “Educação como crescimento”, pode-se ver claramente o que Dewey tem a argumentar sobre a ideia de aprender a aprender: Dewey afirma que, devidamente dirigida, a pessoa cresce para o próprio crescimento. “Mais importante ainda é que o ser humano adquire o hábito de aprender. Aprende a aprender” (DEWEY, 2008, p. 48). Aqui aparece uma das passagens mais famosas de *Democracia e Educação*. Citada muitas vezes fora de contexto, aqui ela aparece no contexto segundo o qual Dewey a concebe, como o grande mote da sua teoria educacional. Uma pessoa que ‘adquire o hábito de aprender’ é aquela que pode dirigir de forma consciente sua atitude de buscar, processar e usar a informação. Nos termos do *Relatório*, as pessoas com tal ‘hábito de aprender’ são as pessoas letradas em informação: “Elas são pessoas preparadas para o aprendizado ao longo da vida, porque podem sempre achar a informação necessária para qualquer tarefa ou decisão disponível” (ALA, 1989, p. 1). É importante reconhecer que, se tal interpretação faz sentido, a conclusão inevitável é compreender o letramento informacional como um hábito, ou conjunto de hábitos; não no sentido automático e repetitivo, mas no sentido de uma disposição para agir de forma definida, diante das situações que se apresentam.

O hábito, portanto, é um conceito chave para descrever o modo de pensar de quem manifesta letramento informacional. E, acima de tudo, é crucial, como reconhece o próprio *Relatório*, o hábito de ‘aprender a aprender’.

Isso não apenas a prepara para o aprendizado ao longo da vida; mas, ao experimentar a excitação de suas próprias buscas bem sucedidas pelo conhecimento, ela também cria nas pessoas jovens a motivação para perseguir a aprendizagem durante suas vidas (ALA, 1989, p. 2).

Entendido desta forma, o letramento informacional é o desenvolvimento de capacidades de aprendizagem visando o controle – pelo indivíduo – do crescimento de sua própria aprendizagem.

Isto ganha ainda maior importância, como se pode ver, no ambiente da Sociedade da Informação. Dewey valoriza esta versão do crescimento como algo desejável, no capítulo 4 de sua obra aqui examinada. Logo após apresentar a famosa formulação do ‘aprender a aprender’, ele acrescenta que “a nada se subordina a educação, a não ser a mais educação” (DEWEY, 2008, p. 55). Este estabelecimento de valores se aplica tanto à educação quanto ao crescimento, na mesma medida. Fez-se, acima, menção ao conceito de crescimento. Percebe-se a adesão ao crescimento como um valor, uma responsabilidade da sociedade e das suas instituições bem como de cada indivíduo na sua atuação como cidadão. O crescimento se manifesta especialmente através da capacidade de aprender ao longo da vida, assim como o crescimento social se manifesta através da democracia. Ambos são processos nos quais a informação desempenha um papel cada vez mais crucial. O crescimento não é relativo a nada a não ser a mais crescimento. Ele é um fim em si mesmo e deve, então, ser buscado e dirigido, com vistas a mais crescimento.

A relação entre o crescimento individual e a educação também não escapa aos autores do *Relatório*. Seu texto manifesta evidências de uma profunda consciência de que o letramento informacional, tal como é ali concebido, depende de uma ação educativa apropriada. “A educação precisa de um novo modelo de aprendizagem – aprendizagem que é baseada nos recursos informacionais do mundo real, aprendizagem que é ativa e integrada, não passiva e fragmentada” (ALA, 1989, p. 6). Este modelo de aprendizagem condiz com o perfil das pessoas que se espera formar, ou seja, com pessoas letradas em informação e, portanto, capazes de dirigir sua própria aprendizagem com base nos recursos informacionais disponíveis no meio ambiente social.

A ideia de ‘aprender a aprender’ aparece, ainda, como fundamento do letramento informacional no *Relatório*, em termos de que

pessoas letradas em informação são aquelas que aprenderam como aprender. Elas sabem como aprender porque sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar informação e como usar a informação de tal modo que outros possam aprender com elas (ALA, 1989, p. 1).

Ora, se a interpretação que se faz deste documento é correta, existe uma homologia de conceitos, de termos e de noções, entre o discurso de Dewey na obra *Democracia e Educação* e a fundamentação teórica que serve de base aos estudos da ciência da informação em torno do campo do letramento informacional.

Esta homologia também se aplica ao comportamento reflexivo esperado da pessoa letrada informacionalmente. “Para ser letrado em informação, uma pessoa precisa ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária” (ALA, 1989, p.1). O comportamento de busca da informação relevante, de seleção e composição das informações para auxiliar na solução dos problemas – teóricos e práticos – com que alguém está lidando, é parte dos requisitos para que se possa dizer que se trata de uma pessoa letrada em informação.

O que está em questão aqui é um conjunto de hábitos que determinam a atitude de uma pessoa diante da necessidade de informação – problema - e da busca pela informação necessária. Dewey fala disso mais especificamente em sua obra *Como Pensamos* (edição revista, publicada em 1933). Ali, em sua análise, oferece a seguinte definição geral: “O pensamento reflexivo *faz um ativo, prolongado exame de toda crença ou espécie hipotética de conhecimento, exame efetuado à luz dos argumentos que a apóiam e das conclusões a que chega*” (DEWEY, 1979, p. 18, ênfase no original). Este aspecto ativo, que caracteriza tanto a atitude como os hábitos de um indivíduo para lidar com as informações é exatamente o ponto em comum entre as teorias de Dewey e os fundamentos da discussão acerca do letramento informacional, tal como é conduzida no *Relatório*.

Como se sabe, uma das principais práticas promotoras do letramento informacional é a leitura, já que grande parte dos itens culturais acessíveis às pessoas na assim chamada ‘sociedade da informação’ apresenta-se codificada em textos escritos. Por isso, além da forma mais espontânea de relação com os textos escritos, a promoção do letramento informacional acentua a necessidade de formas mais rigorosas, seletivas e precisas de fazer uso dos textos escritos como artefatos que incorporam informação. “A leitura é uma atividade de tal importância cognitiva e social que justifica a preparação e o exercício de situações em que é justamente a própria capacidade de ler que está sendo ensaiada” (MATOS, 2013, p. vi).

Mesmo após o letramento – com efeito, principalmente então – o leitor continua a se formar por meio do que se tem chamado de “hábito da leitura”. As unidades de informação, incorporando este saber, reconhecem a importância de formar leitores competentes. Por que? Justamente porque a habilidade de leitura atenta, reflexiva e útil ao agente é um dos componentes principais deste conjunto de capacidades cognitivas, semânticas e sociais a que se dá o nome de letramento informacional.

Tanto no relatório da ALA (1989) como na obra de Dewey, o que se pode detectar é a descrição de um ambiente social com o qual os indivíduos precisam interagir de forma desenvolvida, a fim de prosperarem na perseguição de seus interesses. Na assim chamada ‘sociedade da informação’, a adaptação que permite este resultado é descritível nos termos em que se caracteriza o letramento informacional.

A formação da pessoa letrada informacionalmente, segundo o mesmo relatório, se dá por um conjunto de modificações no meio social, que tenham finalidade educativa. Segundo o texto do *Relatório*:

Livros texto, manuais e lições devem apontar para um processo de aprendizagem baseado nos recursos informacionais disponíveis para a aprendizagem e a solução de problemas através da vida das pessoas – para experiências de aprendizagem que construam um hábito de uso da biblioteca ao longo da vida (ALA, 1989, p. 7).

Este resultado só pode ser levado a efeito se a ação educativa sobre as pessoas – pela escolarização e pela cultura em geral – tiver como efeito fortalecer os hábitos de tratamento autônomo e competente das informações.

Especialmente sobre as bibliotecas, o *Relatório* afirma o seguinte:

Bibliotecas, que proporcionam um significativo ponto de acesso público para esta informação e usualmente sem nenhum custo, devem representar um papel chave em preparar as pessoas para as demandas da sociedade da informação de hoje em dia (ALA, 1989, p. 5).

As bibliotecas são espaços não somente do acesso a informação, mas da formação de uma atitude, do crescimento de hábitos. A noção de que a aprendizagem é um valor a ser promovido por toda a vida, ou seja, a noção de que a aprendizagem é mais que uma mera preparação, sendo elemento constituinte de toda a experiência social e individual está presente neste documento, e se manifesta em todo o seu teor.

No caso da ideia de aprendizado ao longo da vida, esta correlação é ainda mais evidente. Em um interessante artigo intitulado “Evolutionary Naturalism, Logic, and Lifelong

Learning: Three Keys to Dewey's Philosophy of Education", Hickman atribui a Dewey a defesa de um tipo de formação educativa que

irá armar os aprendentes com métodos de investigação que podem continuar a ser aplicados e aperfeiçoados ao longo de uma vida – bem depois da conclusão do processo educacional 'formal'. Aprendizado ao longo da vida, na visão de Dewey, é um elemento chave nas democracias autossustentáveis (HICKMAN, 2008, p. 133).

Assim, se pode reconhecer que a tradição de comentário da filosofia de Dewey, nos anos recentes, manifesta a consciência da possibilidade e da necessidade de recontextualizar o discurso do filósofo e educador, para atender às demandas da Sociedade da Informação.

3 DEMOCRACIA, CIDADANIA E O LETRAMENTO INFORMACIONAL

A própria noção de sociedade democrática, desenvolvida por Dewey no capítulo 7 de *Democracia e Educação*, se identifica com a ideia do tipo especial de sociedade que “não somente muda, mas que também, para estimulá-la, faz da mudança um ideal” (DEWEY, 2008, p. 87). Nos termos do relatório da ALA:

Dizer que o letramento informacional é crucial para a cidadania efetiva é simplesmente dizer que ele é central para a prática da democracia. Qualquer sociedade comprometida com a liberdade individual e o governo democrático, deve garantir o livre fluxo da informação para todos os cidadãos de modo a proteger as liberdades pessoais e resguardar seu futuro (ALA, 1989, p. 5).

Percebe-se nesta passagem a consciência de que, em qualquer sentido em que se interprete o termo 'democracia', ela é algo a ser defendido e buscado e, além disso, só pode ser mantida e praticada por meio da participação de 'todos os cidadãos'. Dewey afirma, no capítulo 7 de *Democracia e Educação*, que “uma democracia é mais do que uma forma de governo; ela é primeiramente um modo de vida associada, de experiências comunicadas em conjunto” (DEWEY, 2008, p. 93). Esta participação do indivíduo na prática democrática exige a formação da capacidade de lidar de forma competente e desenvolvida com as informações que circulam na sociedade.

Aqui o conceito de democracia é vinculado estreitamente à capacidade de participação de cada pessoa na vida social, o que se define pelo termo “cidadania efetiva” que, segundo o *Relatório*, não é possível sem a disseminação do letramento informacional. Ora, o tipo de mudança a que Dewey se refere implica em uma ampliação da experiência socialmente

compartilhada, que só se torna possível com a participação cada vez mais inteligente e reflexiva dos que interagem no meio social e informacional.

Acerca disso, Cunha afirma em seu livro *John Dewey: a utopia democrática* (2001) o seguinte: “Segundo Dewey, a democracia só faz sentido como imperativo moral” (CUNHA, 2001, p. 52). Isso significa, que para uma sociedade crescer democraticamente, ou seja, crescer na possibilidade da participação de todos, é necessário o comprometimento de todos no processo de reconstrução da vida social, e nada disso se realiza sem as capacidades relacionadas ao uso inteligente e desenvolvimento da informação, e claro, sem o livre acesso à informação. A continuidade da vida de uma sociedade democrática depende da formação de seus membros.

O *Relatório*, acerca disso, afirma que “a cidadania em uma democracia moderna envolve mais do que conhecimento de como acessar a informação vital. Ela também envolve a capacidade de reconhecer propaganda, distorção, e outros maus usos e abusos da informação” (ALA, 1989, p. 4). O que se pode concluir é que há um componente epistêmico que contribui para a possibilidade e a manutenção da vida em uma sociedade democrática. Este componente corresponde, em seu aspecto individual, ao hábito de aprender ao longo da vida, próprio de pessoas letradas em informação. E, como aspecto social, ao esforço em promover a adaptação ao ambiente social – determinado atualmente pelo grande fluxo de informação – pelo exercício de uma cidadania ativa, de que devem participar todas as pessoas.

4 LETRAMENTO INFORMACIONAL E CIENTIFICIDADE

O *Relatório* se refere à Era da Informação como “uma época caracterizada pela rápida mudança, um ambiente global e um acesso sem precedentes à informação” (ALA, 1989, p. 3). Isto evoca a preocupação de W. Kilpatrick em *Educação para uma sociedade em transformação*. Observe-se que o título original – *Education for a Changing Civilization* - manifesta uma intenção um pouco mais auspiciosa do que a tradução da edição brasileira recente (KILPATRICK, 2011). Kilpatrick escreveu este livro em 1926, a fim de refletir sobre a aceleração das mudanças que a civilização vem apresentando, e a correspondente necessidade de adaptar os métodos educacionais de modo a formar pessoas com novas atitudes e hábitos.

Do ponto de vista epistemológico o raciocínio empreendido no presente estudo, que se volta à indagação pelos fundamentos, encontra aqui um vestígio bastante confiável. O ambiente informacional atual, a que o *Relatório* alude como exigindo a promoção sistemática

do letramento é, sobretudo, um ambiente modificado por efeito da ciência. O autor se indaga, logo no início de seu livro, sobre o fator principal das mudanças que se observa na vida cultural e social das últimas décadas, e afirma:

Este fator é o crescimento do pensamento testado, em resumo, da ciência moderna e suas implicações na vida humana. A ciência moderna através de seu princípio de verificação e teste oferece o fator que parece ser a causa diferencial de como e por que o mundo moderno tem um caráter próprio (KILPATRICK, 2011, p. 24).

Note-se que Kilpatrick concebe como a principal causa da mudança na vida social recente, um método de pensamento que ele denomina ‘pensamento testado’, ou pensamento que segue o ‘princípio de verificação e teste’. Este modo de pensar é reconhecido por ele como próprio da atitude científica. Mas não se implica, com isso, a obrigatoriedade da especialização em uma disciplina científica, para ser praticado por qualquer pessoa capaz de dirigir assim seu pensamento.

Os resultados e os métodos da ciência, tal como vêm sendo desenvolvidos na Modernidade, se fixaram na vida institucional e cultural da civilização, ocasionando transformações profundas, reconhecidas por tantos estudiosos do assunto que seria tedioso mencionar. Mas talvez a mudança mais significativa seja justamente fazer da própria mudança uma meta e um valor a ser perseguido. “É essa mudança, a troca da limitada discussão para o teste das hipóteses através das consequências observáveis, que é aqui oferecida como a melhor chave disponível para a interpretação do mundo moderno” (KILPATRICK, 2011, p. 26). Tal mudança envolve o constante exame de possibilidades de controle da natureza, de possibilidades de interação humana e de formas de explicar as coisas.

Mas se a mudança pretendida pelo espírito científico espera se consolidar e conduzir a uma maior integração entre o ser humano e o mundo, é preciso que a atitude característica da cientificidade seja a mais disseminada possível. Se isso não ocorrer, a mudança seria controlada por uma espécie de ‘aristocracia da mentalidade’. Isto equivale a dizer que todos os membros da sociedade capazes de lidar com informação deveriam passar a manifestar a nova espécie de hábitos de investigação e crítica, que representa uma vantagem adaptativa em relação aos hábitos pré-científicos. Ou ainda, todos os indivíduos precisam ser fortalecidos com os meios de participar do processo informacional que sustenta a vida democrática na sociedade. Uma vida caracterizada de forma profunda e irreversível pelo que Kilpatrick chama de ‘pensamento testado’. Em outras partes do seu livro, quando discorre sobre as

tendências predominantes na vida moderna, Kilpatrick destaca a democratização como uma destas tendências.

Oportunamente, esta forma de considerar a cientificidade e a democracia como atitudes correlatas, aparece no pensamento de outros autores mais atuais. Um destes autores, aqui digno de menção, é o astrofísico e divulgador da ciência Carl Sagan. Sagan é conhecido, entre outras coisas, por sua vigorosa defesa da disseminação de formas de acesso público aos resultados e métodos das ciências. Ele defende a importância das bibliotecas, dos museus e coleções, e dos programas educacionais de formação da mentalidade investigativa, típica de pessoas letradas em informação. Em um de seus livros, intitulado *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro* (inicialmente publicado em 1995), Sagan afirma claramente que “os valores da ciência e os da democracia são concordantes, em muitos casos indistinguíveis” (SAGAN, 1996, p. 52). Naturalmente está se referindo a valores que possam ser expressos por toda pessoa capaz de considerar o conhecimento e a informação científica disponível na cultura, de forma crítica e reflexiva, em contraste com a evidência e o contexto em que se apresentam. Sagan esclarece: “Tanto a ciência como a democracia encorajam opiniões não convencionais e debate vigoroso. Ambas requerem raciocínio adequado, argumentos coerentes, padrões rigorosos de evidência e honestidade” (SAGAN, 1996, p. 52). Não é difícil perceber, pelo que vem sendo exposto na presente discussão, a proximidade entre estas ideias, e as ideias que dão fundamento à compreensão sobre o letramento informacional, expressa pelos autores do *Relatório*.

O *Relatório* incorpora grande parte destas ideias, e isso se evidencia em sua crítica acerca do que denomina como ‘pré-embalagem’ da informação. Em seu conteúdo, observam-se menções a isso, como a que segue: “Acima de tudo, iniciativas educacionais e comunicacionais mais correntes – com seu longo histórico de pré-embalar a informação – militam contra o próprio desenvolvimento de uma certeza da necessidade de habilidades para manusear a informação” (ALA, p. 6). É preciso desenvolver instrumentos e condições para que as pessoas aprendam e valorizem os hábitos relacionados a ‘manusear a informação’, entre eles, destacam-se neste ponto os hábitos de discutir e testar as alegações de conhecimento, de forma autônoma e individual, como parte de uma discussão pública e aberta. A crítica contra os efeitos da pré-embalagem da informação, por parte do *Relatório*, prosseguem:

Estudantes, por exemplo, recebem a informação pré-digerida a partir de lições e livros texto, e pouca coisa no seu ambiente encaminha o pensamento ativo ou a solução de problemas. A solução de problemas que ocorre é

dentro de ambientes informacionais artificialmente construídos e limitados, que apontam para respostas ‘corretas’ (ALA, 1989, p. 6).

A crítica aqui manifesta está propondo a substituição de uma atitude de aceitação passiva, por uma atitude de autonomia, de reflexão ativa e de consideração direta da informação em suas diversas fontes. Atitude que se identifica, naturalmente, com a concepção desenvolvida aqui de letramento informacional.

Segundo se conclui por esta aproximação entre o *Relatório* e a obra de Kilpatrick, somente a promoção do letramento informacional poderá assegurar a apropriação e a disseminação da atitude de pensamento própria da cientificidade. Esta atitude tenderia a reduzir a distância entre os especialistas nas diversas áreas do conhecimento, e a sociedade em geral; assim como reduzir a distância entre o impacto da era da informação e as formas de ensinar. “O primeiro passo para reduzir esta distância é assegurar que o tema do letramento informacional seja uma parte integral dos esforços no letramento cultural, o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e a reestruturação escolar” (ALA, 1989, p. 6). Com esta alegação, o *Relatório* especifica as recomendações, a título de conclusão do documento, e entre tais recomendações está a de “comunicar o poder do conhecimento; desenvolver em cada cidadão um senso da sua responsabilidade em adquirir conhecimento” (ALA, 1989, p. 8). Esta atitude de crítica, de exame, de discussão aberta é a mesma que se identifica, aqui, com a posse de letramento informacional, nos termos do *Relatório*, e com a atitude científica, seja de especialistas ou de cidadãos ativos, no contexto das sociedades onde a informação é o principal fator de crescimento e mudança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo feito a tentativa de aproximar a obra de autores consagrados no pensamento filosófico e educacional norteamericano, com as concepções manifestas no *Relatório*, diversas questões conceituais se abriram para a indagação. Destacam-se aqui a teoria da aprendizagem como crescimento, da noção de democracia, e a noção de cientificidade. Estas concepções, embora não tenham sido expressamente desenvolvidas no *Relatório*, pois naturalmente não era este seu objetivo, auxiliam na sua interpretação e na atribuição mais profunda de significado ao seu discurso. Como resultado, destacam-se duas observações dignas de menção na ocasião do fechamento do presente argumento:

Primeiramente, que o letramento informacional, na interpretação que se faz do *Relatório*, é um processo que tem a pessoa como seu foco e objetivo principal. E mais que

isso, é um processo que não se pode corretamente repartir em competências específicas, mas que abrange todas as formas de usar a inteligência e lidar com o conhecimento e a informação. Letramento informacional, portanto, é uma atitude geral, um conjunto amplo de disposições que promove um tipo especial de interação entre o indivíduo e o mundo. E só como uma atitude geral pode o letramento ser compreendido e promovido.

Fora este princípio epistemológico, detecta-se no *Relatório* um princípio moral e político, relacionado com a construção da democracia, e com a defesa da autonomia dos cidadãos em relação às alegações de conhecimento que podem ter algum efeito sobre suas vidas. E isso só faz ressaltar a importância de que o letramento seja compreendido como uma característica das pessoas, e de que as pessoas devam ser colocadas em primeiro lugar em qualquer iniciativa relacionada ao letramento informacional. Alguns anos após a publicação do *Relatório*, a ALA produziu um segundo documento, apresentando uma avaliação do progresso das iniciativas que vinham surgindo como respostas ao *Relatório* original, na promoção do letramento informacional. E uma das considerações deste segundo relatório é expressa nos seguintes termos:

É necessário haver uma ênfase em comunicar que a educação de qualidade não requer apenas investimentos em tecnologia, mas também em programas para empoderar as pessoas a fim de encontrar, avaliar e usar toda a informação efetivamente (ALA, 1998, p. 2).

Esta passagem expressa bem a conclusão que se pretende defender aqui, a de que é preciso canalizar o esforço dos setores de informação, de educação e de difusão do conhecimento, na direção de qualificar, ou ‘empoderar’ as pessoas. Pois, para além de qualquer tecnologia, de qualquer artefato, de qualquer mecanismo informacional, o fim e o objetivo de todo o fluxo informacional são as pessoas, seu crescimento e bem estar.

Em segundo lugar, aparece a conclusão de que os conceitos aqui examinados, na medida em que a argumentação aqui apresentada é coerente e bem fundamentada, possuem certo caráter prescritivo. Isto significa a necessidade de:

- a) considerar as condições de crescimento, em direção da aprendizagem ao longo da vida;
- b) considerar uma visão participativa e cooperativa da sociedade democrática e;
- c) considerar a cientificidade como o modelo da atitude mental desejável para a vida na Sociedade da informação.

Tais considerações não são apenas opções, são procedimentos inevitáveis para qualquer reflexão, pesquisa ou iniciativa que tenha como objetivo manifestar adequada

compreensão e efetiva promoção deste poder sobre si e sobre o mundo, que o *Relatório* denomina de letramento informacional.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). *Presidential Committee on Information Literacy*: Final Report. Washington D. C., 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 19 de julho de 2015, 12:30.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). *A Progress Report on Information Literacy*: An Update on the American Library Association Presidential Committee on Information Literacy: Final Report. Washington D. C., 1998. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/progressreport>. Acesso em: 19 de julho de 2015, 12:36.

AMARAL, Maria Nazaré. **Dewey**: filosofia e experiência democrática. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CUNHA, Marcus Vinicius. **John Dewey**: a utopia democrática. São Paulo: DP&A, 2001.

DEWEY, John. *Democracy and education. the middle works of John Dewey – 1899-1924. Volume 9:1916*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2008.

DEWEY, John . **Como pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

HICKMAN, Larry. Evolutionary naturalism, logic, and lifelong learning: three keys to Dewey's philosophy of education". In: *Reconstucting democracy, recontextualizing Dewey*. Albany: State University of New York Press, 2008.

KILPATRICK, William Heard. (1926). Educação para uma sociedade em transformação. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATOS, José Claudio. A interpretação de textos e a formação da pessoa reflexiva – sobre a concepção deweyana da leitura. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 579-596, jul./dez, 2013.

SAGAN, Carl. (1995). **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.